

463

A FELICIDADE COMO FIM PARA A AÇÃO HUMANA NA ANÁLISE DE SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Clarisse Goulart Nunes, Alfredo Carlos Storck (orient.) (UFRGS).*

A pesquisa que está sendo desenvolvida tem por objetivo investigar as principais etapas da formulação do vocabulário filosófico acerca da ação humana durante o século XIII e ressaltar suas peculiaridades por relação a teorias contemporâneas. O ponto de partida da investigação foi o conceito de felicidade como fim último da vida humana. Para tanto, foram estudados comparativamente o Livro I do Comentário de Santo Tomás à Ética a Nicômaco de Aristóteles, (1094 a 1-1103 a 10, nn. 1-153) e a Suma de Teologia, I^a II^a, questões 1 a 5. Mostrou-se como o autor entende ação humana como voluntária e orientada para um fim, o bem. Assim, o fim último, a felicidade, é vista como o bem supremo da vida humana. Existem diferentes concepções de felicidade, uns a identificam com a obtenção do prazer, outros com a de bens exteriores, ou ainda com a virtude. Na visão de Tomás de Aquino, a felicidade identifica-se com a vida virtuosa, própria do homem racional, que naturalmente, segundo uma atividade da alma, busca uma vida perfeita. A virtude moral, que é a perfeição do apetite orientado pela razão, pode ser alcançada através da prudência ou da contemplação. Mesmo reconhecendo a superioridade das atividades virtuosas, o autor admite a necessidade dos bens exteriores, considerando-os como bens instrumentais e secundários à vida humana. São pertinentes, mesmo que de modo secundário, as considerações acerca das causas da felicidade, que podem ser: divina, humana, ou fortuita. Dentre essas três causas, o filósofo admite as duas primeiras e descarta a última, pois o fortuito é causado por acidente, sendo mais razoável que o bem supremo provenha do homem de suprema virtude e de Deus. Desse estudo conclui-se que “a felicidade é uma atividade própria do homem segundo a virtude numa vida perfeita”.